

---

# A GEOGRAFIA DA INFÂNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL EM NOVA IGUAÇU/RJ

## THE GEOGRAPHY OF CHILDHOOD IN ELEMENTARY SCHOOL IN NOVA IGUAÇU/RJ

Clézio dos Santos<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** O tema da pesquisa é resultado da permanência do ensino de geografia nos cursos de graduação em Geografia e Pedagogia, envolvendo algumas de suas preocupações e temas presentes na formação desses educadores que atuarão diretamente com as crianças na escola. O principal objetivo da pesquisa é analisar e refletir sobre os desenhos produzidos sobre o lugar pelos alunos do ensino fundamental de Nova Iguaçu na Baixada Fluminense. A metodologia da pesquisa está relacionada aos estudos educacionais qualitativos, que envolvem a leitura, análise do referencial teórico da geografia da infância e análise dos desenhos feitos pelos alunos. As mudanças convulsivas e revolucionárias que são tão presentes no desenvolvimento da criança na visão de Vigotski, podemos verificar por meio do conhecimento geográfico, através do desenho. Dessa forma o desenho se torna um recurso relevante para ajudar a repensar o currículo no ensino fundamental atual.

**Palavras-chave:** Geografia da Infância. Ensino fundamental. Nova Iguaçu. Desenho.

**ABSTRACT:** The theme of the research is the result of the permanence of geography teaching in undergraduate courses in Geography and Pedagogy, involving some of their concerns and themes present in the formation of these educators who will act directly with the children in school. The main objective of the research is to analyze and reflect on the drawings produced about the place by elementary school students in Nova Iguaçu in Baixada Fluminense. The research methodology is related to qualitative educational studies, which involve reading, analysis of the theoretical framework of childhood geography and analysis of drawings made by students. The convulsive and revolutionary

---

<sup>1</sup> Professor Associado I de Ensino de Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ), Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UFRRJ), Pesquisador Universal do CNPq, Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE/FAPERJ) e líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Geografia (GEPEG/UFRRJ). E-mail: cleziogeo@yahoo.com.br.

Artigo recebido em maio de 2020 e aceito para publicação em junho de 2020.

changes that are so present in the child's development in Vigotski vision, we can verify through geographic knowledge, through drawing. Thus, drawing becomes a relevant resource to help rethink the curriculum in current elementary school.

**Keywords:** Geography of childhood. Elementary school. Nova Iguaçu. Drawing.

## INTRODUÇÃO

O texto faz para da pesquisa *(Geo)grafias do Lugar: Educação Geográfica na Escola Básica na Baixada Fluminense*, financiado por meio do Edital 03/2017 da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) no Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE) - Processo n. E-26/203.283/2017. Conta com o apoio do projeto *Geografia e Formação Cidadã na Baixada Fluminense* do Edital Universal 01/2016 - Processo 429213/2016-6 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A pesquisa vincula-se também ao Laboratório de Ensino Multidisciplinar do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ) que foi implantado por meio do edital FAPERJ. No Laboratório de Ensino Multidisciplinar reúnem-se professores de Didática de várias áreas como Geografia, História, Ciências, Matemática e Educação Especial, servindo de apoio as pesquisas e práticas de ensino dos alunos de graduação e pós-graduação da UFRRJ e da comunidade em geral.

A temática que apresentamos é fruto da permanência do ensino de geografia nos cursos de licenciatura em Geografia e em Pedagogia, envolvendo um pouco de suas preocupações e questões presentes na formação desses educadores que estão diretamente envolvidos com a infância na instituição escolar, especialmente o formando em Pedagogia. A permanência do ensino de geografia nos cursos de Pedagogia tem aumentado o interesse por esse conhecimento, desenvolvendo uma área denominada no Brasil de Geografia da Infância, cuja preocupação maior é entender como a criança se relaciona e se apropria do espaço geográfico.

A pesquisa analisa os desenhos feitos por alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental (crianças entre 8 e 11 anos) da Escola Municipal Marcílio Dias no bairro de Cavas no município de Nova Iguaçu (Figura 1). O município de Nova Iguaçu fica na periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro num território denominado Baixada Fluminense. Um território de inúmeros conflitos sociais e culturais que marcam indiscutivelmente a apropriação de espaços, lugares e paisagens distintas pelos educandos da escola básica, destacando as deferentes idades que os alunos no mesmo ano de escolaridade.



Fonte: Autor, 2019

**Figura 1.** Escola Municipal Maurício Dias – Nova Iguaçu/RJ

O objetivo principal é analisar e refletir sobre os desenhos feitos por alunos do ensino fundamental para compreender a percepção do lugar denominado Nova Iguaçu na Baixada Fluminense. Destacamos que neste texto nos atemos aos desenhos dos alunos.

A metodologia de pesquisa prende-se aos estudos educacionais qualitativos, envolvendo a produção de desenhos com alunos do ensino fundamental. Num primeiro momento discutimos a geografia da infância recorrendo autores que tem contribuído para essa discussão dessa área de pesquisa como Lopes (2008), Vasconcellos (2005), Costa (2008), Lopes e Vasconcellos (2005); e nos segundo momento discutimos os desenhos dos alunos com base nos referenciais: Tuan (1980, 1982), Piaget e Inhelder (1993), Vigotski (1998, 2000), Lynch (1960), Lois e Hollman (2013), Santos (2000, 2002). Destacamos que neste texto não vamos explorar as entrevistas realizadas como os alunos que realizaram os desenhos.

Os estudos da Geografia da Infância encontram no Brasil um quadro bastante vertiginoso, aglomerando cada vez mais um número maior de pesquisadores preocupados com a temática. Destacamos dois fatores importantes: a mudança do entendimento da infância no momento atual, gerando políticas direcionadas e a própria organização da Educação Infantil como período da Escola Básica brasileira após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996; e por outro lado, a existência de um número maior de professores universitários ministrando disciplinas voltadas para o desenvolvimento de práticas metodológicas de ensino de geografia presentes nos cursos de licenciatura em pedagogia responsável pela formação de professores para a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

## **A NECESSIDADE DE TRABALHAR A GEOGRAFIA DA INFÂNCIA E O LUGAR NO CURRÍCULO**

A Geografia de Infância é apresentada como área de pesquisa, percorrendo de forma breve os referenciais, as linhas e caminhos traçados dentro da ciência Geográfica. Lopes (2013) evidencia duas formas diferenciadas de se conceber as crianças e suas presenças no espaço geográfico:

Uma que evidencia sua condição estrutural, compondo os dados estatísticos e demográficos dos países e outra que marca suas ações e ocupações nos lugares, transformados a partir dos atos do brincar. Situações que marcaram diferentes caminhos trilhados pela Geografia da Infância (LOPES, 2013, p.284).

O mesmo autor situa a década de 70, do século passado, como um momento em que se iniciam os acúmulos de trabalhos que envolvem as crianças e suas espacialidades. Produções desenvolvidas em diferentes contextos geográficos, mas fortemente influenciadas pelos postulados sistematizados na Geografia Humanista. Esta corrente de pensamento vai fazer críticas aos estudos estatísticos na Geografia, à descrição racionalista do positivismo e ao reducionismo economicista do movimento marxista, presentes na Geografia desse período.

A Geografia Humanista busca compreender a percepção e representação do espaço por indivíduos, entendendo seu caráter único, singular, ao mesmo tempo em que reconhece o seu pertencimento e compartilhamento a um determinado grupo cultural. Buscando acima de tudo, desvelar o *ser e estar* das crianças no espaço.

Para Tuan (1982), um dos precursores dessa corrente:

A Geografia Humanística reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição. [...] procura um entendimento do mundo humano através das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. (TUAN, 1982, p. 143).

O conceito lugar, seu uso e apropriação por parte das crianças ganha destaque tanto nessa corrente de pensamento, como na própria Geografia da Infância.

O lugar, entendido como as relações afetivas que as pessoas estabelecem com o espaço, passa a ter um valor central nas pesquisas em geografia humanista, e a noção de *Topofilia*, desenvolvida por Tuan (1980), ganha notoriedade não só na Geografia, mas também em outros campos de estudos.

A palavra 'topofilia' é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanente e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o lócus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1980, p. 107).

Tal situação nos permite afirmar que a busca por compreender as dinâmicas de determinado grupo cultural passa pela tentativa de leitura de seu lugar de vivência.

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. Espaço é mais abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. “[...] Se pensamos no espaço como algo que permite o movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar” (Tuan, 1982, p. 6).

Na medida em que o espaço vai sendo ocupado, a partir das diferentes utilizações possíveis, algumas dessas utilizações vão ganhando significados e na medida em que o espaço vai sendo ocupado materialmente, vão se produzindo sentidos.

A existência do lugar é resultado de um investimento que só se fez possível porque esse espaço não foi apenas um espaço de passagem, mas um espaço onde se fez pausa. Não a pausa da imobilidade, mas aquela necessária para a efetivação de uma ocupação material e simbólica. Esse salto que eleva, qualitativamente, o espaço à condição de lugar é uma construção. O espaço se planeja, o lugar se constrói. Nessa construção o espaço é o suporte. Onde se conclui que todo lugar é um espaço, mas o espaço é apenas potencialmente um lugar. Um suporte à espera da força inaugural da cultura que o fará lugar. Que reunirá numa unidade os diferentes elementos e o configurará como um só objeto. (VASCONCELLOS, 2005, p.78).

Dessa forma a autora reforça a passagem da noção de espaço para lugar como sendo uma construção de significados. A Geografia da Infância tem no lugar uma categoria de apoio e *locus* de pesquisa. Os lugares remetem a identidade, ou mesmo as identidades sociais e culturais.

Os estudos de Piaget irão encontrar, nos trabalhos geográficos com crianças, grandes expressividades, obras diversas como a de Piaget e Inhelder, (1993), por exemplo, levam a um conjunto de afirmativas e pesquisas que tecerão muitas considerações sobre as relações que as crianças estabelecem com seus espaços ditos próximos e distantes, como esses são concebidos e representados.

Piaget e Inhelder (1993) elabora, assim, uma série de etapas contínuas pelas quais passam as pessoas no desenvolvimento da noção espacial. As etapas apontadas por Piaget seguem uma concepção distinta da que utilizamos no texto em relação ao desenvolvimento espacial, já que não adotamos o raciocínio da continuidade, porém sua contribuição a inúmeros trabalhos na Geografia da Infância é relevante e vamos explicar brevemente as etapas nos parágrafos seguintes.

As relações topológicas: são as mais elementares, logo são as primeiras que a criança constrói; são as relações de vizinhança (perto, longe), separação (percepção de que os objetos ocupam lugares distintos no espaço), ordem (sucessão), fechamento (noção de interior e exterior).

As relações projetivas: são aquelas que se definem de acordo com o ponto de vista do observador (direita/esquerda). Relações euclidianas ou métricas: são aquelas baseadas nas noções de eixos e de coordenadas, definindo-se com pontos fora do observador. As relações topológicas e projetivas são construídas pela criança no sentido de se situar no espaço e se relacionar com o meio, assegurando maior segurança em seus deslocamentos. Esses conceitos – dentro, acima, à direita, perto, fora, e outros – são essenciais para a etapa posterior. As relações euclidianas permitem fazer localizações utilizando eixos fora do corpo da criança.

Outro estudioso que repercutiu na Geografia da Infância, foi Kevin Lynch (1960), que identifica que a configuração urbana percebida pelas pessoas que nela habitam e transitam se constitui de forma gradativa, sendo o tempo essencial nesse processo.

No processo de reconhecimento das cidades, Lynch (1960) demonstra que as pessoas formam mapas mentais, que atravessados pelas dimensões como as vias, os caminhos para deslocamentos; os limites, os contornos que criam delimitações; os bairros, espaços marcados por características mais homogêneas e percebidas pelas pessoas em suas diferenças e identidades; os pontos nodais, locais de convergências, tais como praças, cruzamentos e outros; e os marcos, pontos de referências espaciais, que, independentemente de suas escalas, são marcados por suas especificidades e singularidades. Essas dimensões, também são marcados por suas experiências e histórias pessoais.

Os estudos da Geografia da Infância emergem, dessa forma, com interfaces nesses postulados apresentados de forma breve, por onde se entrecruzam outras temáticas, como gênero, idade e condição econômica, perguntam-se como meninos e meninas, de diferentes idades e pertencentes a diferentes camadas sociais concebem, percebem e representam seus espaços.

Para Lopes (2013):

O final da década de 80 e os anos 90 foram acompanhados por um grande crescimento nos estatutos políticos e legais que colocam as crianças como sujeitos de direitos, a Convenção sobre o Direito das Crianças e muitos outros documentos (por exemplo, o ECA no Brasil) possibilitam outros estatutos para a infância e estendem a ideia do direito da criança ao espaço e, assim, um outro foco ganha força nos estudos da Geografia da Infância, a noção de território, de espaço como direito politicamente definido. (LOPES, 2013, p. 289).

Na área da Educação, promoveu-se a reestruturação dos currículos para as áreas de Geografia e de História nas primeiras séries da Educação Básica. Organiza-se um projeto educativo para essas áreas que ainda é presente até o momento, calcado na concepção de espaço mais próximo para o mais distante, noção que se traduziu nas seguintes realidades/ espaços que deveriam ser estudados, independente de suas inserções cotidianas. Essa proposta conhecida por muitos como teoria dos círculos concêntricos, tem como base a seguinte lógica espacial: parte-se da sala de aula (considerada o espaço mais próximo), depois a Escola (afinal a sala está na escola), depois o Bairro da Escola, o Bairro dos Alunos, o Município, o Estado, o País, o Continente, até chegar ao Mundo (o espaço mais distante de todos nós).

Já os estudos mais recentes da Geografia da Infância têm buscado trazer as contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski, Luria e Leontiev (1996), que busca sistematizar uma outra forma de conceber o ser humano e o seu próprio desenvolvimento.

## **OS DESENHOS DE NOVA IGUAÇU FEITO POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Analisamos 34 desenhos produzidos pelos alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Marcílio Dias no bairro de Cava em Nova Iguaçu - Baixada Fluminense. Esses desenhos foram realizados com técnica livre em uma das aulas de Geografia no Ensino Fundamental onde a temática pedida para desenhar era o Bairro dos sonhos de cada aluno.

O desenho fazia parte do conteúdo sobre o estudo do bairro direcionado para o 3º Ano do Ensino Fundamental de rede municipal de Nova Iguaçú. Destacamos que utilizamos letras para identificar os desenhos e não citamos nome, idade ou gênero.

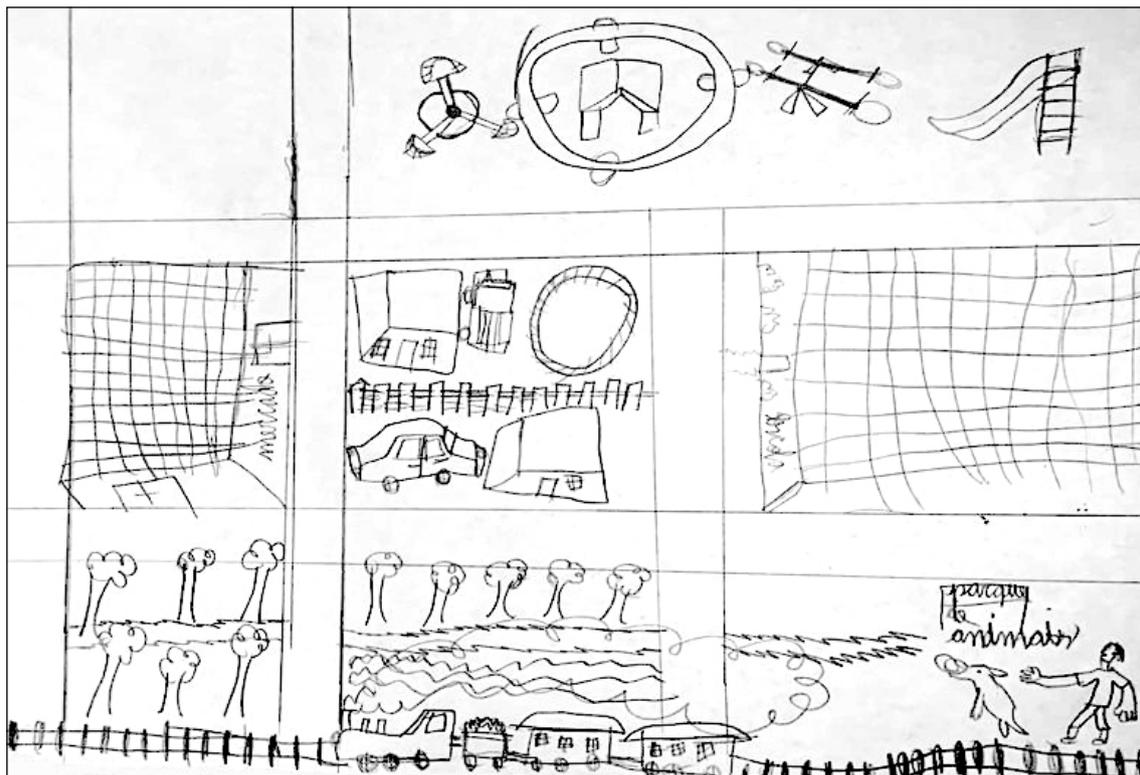
Tratamos os desenhos feitos pelos alunos ao mesmo tempo como “naturais” (espontâneos) e como “imitativos” (copiativos), já que os desenhos são construídos de dentro para fora, passando pelo que Kincheloe (1997) denomina de reino cognitivo.

De acordo com Santos (2000, p. 17), “Para este raciocínio ter fundamento, devemos entender os desenhos das crianças como componentes do desenvolvimento geral do conhecimento da criança. Os desenhos revelam muito sobre a natureza do pensamento humano e a sua capacidade de resolver problemas”.

Quando lidamos com desenhos, estamos lidando com o aspecto visual do pensamento e da memória. Os estudos de comunicação têm se concentrado principalmente sobre os vocabulários, esquecendo o mundo visual.

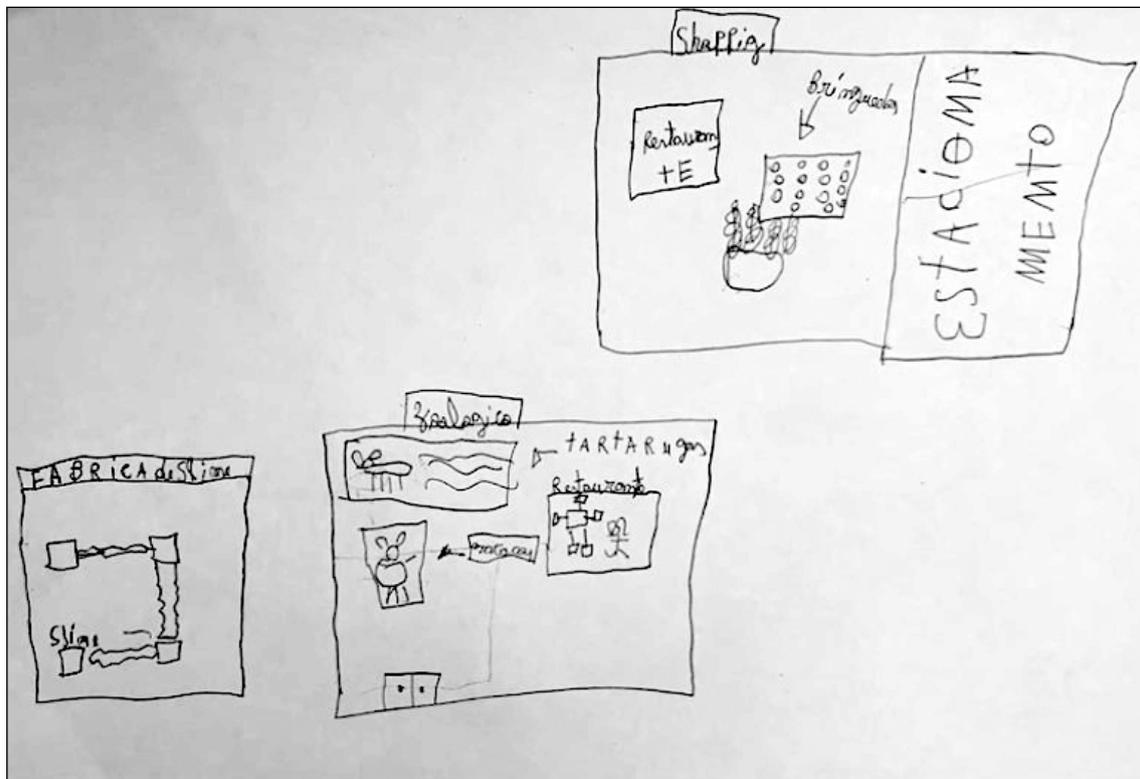
O desenho reformula e recupera o potencial informacional do mundo, trazendo uma comunicação diferente da escrita, a visual. Os desenhos não são fixos e envolvem momentos de percepção que são construídos sucessivamente (pela ação) para resultar numa expressão gráfica. A compreensão da natureza dessa ação envolve a percepção e a representação gráfica, numa tentativa de traduzir este ato. Devemos nos esforçar mais para entender essa “tradução”, já que deste ato é que surgirá o desenho.

Alguns desenhos representam o bairro como um todo, explorando vários itens desejados como bairro ideal (veja Figuras 2 e 3)



Fonte: Santos, 2018

Figura 2. Desenho X



Fonte: Santos, 2018

Figura 3. Desenho Y

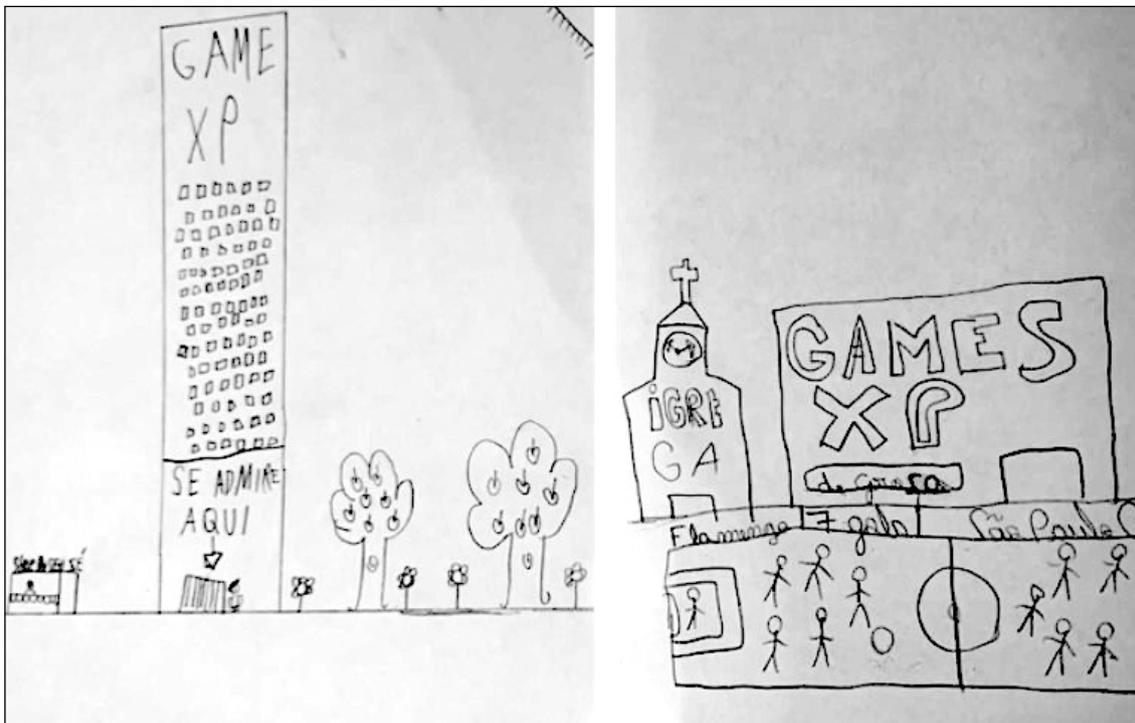
Em ambos os desenhos (X e Y) temos elementos representados como itens desejados coletivamente como zoológico, parques com brinquedos, *shoppings* e estabelecimentos comerciais como os restaurantes e mercados. Destacamos que estes itens são representados em muitos desenhos, prevalecendo os espaços livres e o desenho de árvores, praças e campos de futebol. Aparecem também itens mais específicos como no desenho X, a identificação da linha de trem representando algo que já existiu no bairro mas foi desativada a muitas décadas, ficando na memória (Antiga estação da Cavas pertencente a linha férrea desativada) e no desenho Y uma fábrica de *slime*. Tanto nos elementos coletivos e nos individuais e específicos a os desenhos reformulam o potencial informacional do mundo

Goodnow (1983) assinala três momentos importantes sobre os estudos do desenho infantil. O primeiro no início da década de 1930, com os estudos longitudinais e a possibilidade de descrever a mudança como uma transição entre desenhar “o que se vê” e desenhar “o que deve estar ali”. Estes estudos procuravam um modo de descrever o desenvolvimento e a passagem do “ver” e “conhecer”, que eram qualidades distintas entre si. O segundo momento de interesse pelo desenho infantil deu-se ainda durante a década de 1930, refletindo preocupações educacionais, trabalhando com as habilidades pictóricas e seu desenvolvimento. O terceiro momento foi por volta de 1950, com o grande interesse por parte da Psicologia do Desenvolvimento, com seus testes e medidas prescritivas. Uma ordem expressa e formal tomava conta da análise dos desenhos. Eles eram empregados como índices de nível intelectual e de estados emocionais.

Apesar desses momentos de interesse pelo desenho infantil, enfatizados por Goodnow, ficam muitas dúvidas e há muito para compreender sobre os desenhos. Grande parte do que conhecemos é fragmentado, razão pela qual, temos grandes dificuldades em

trabalhos de pesquisas como este. Consideramos como desenho os seguintes: realizar a expressão gráfica, copiar formas geométricas, reproduzir alfabetos; copiar e fazer mapas, garatuchas e símbolos. Todos possuem traços comuns e semelhanças e marcam áreas distintas: Artes, Linguagem, Geografia. Devemos procurar conceitos que unam estas áreas distintas. Nossa meta deve ser as semelhanças e os traços comuns, caso contrário, teremos um longo caminho talvez com pouco êxito.

Com base em Goodnow (1983), discutiremos a forma mais comum de possíveis relações, o desenho tem certos traços ou conjunto de traços que são semelhantes entre si e de um modo são diferentes em outros (Figura 4).



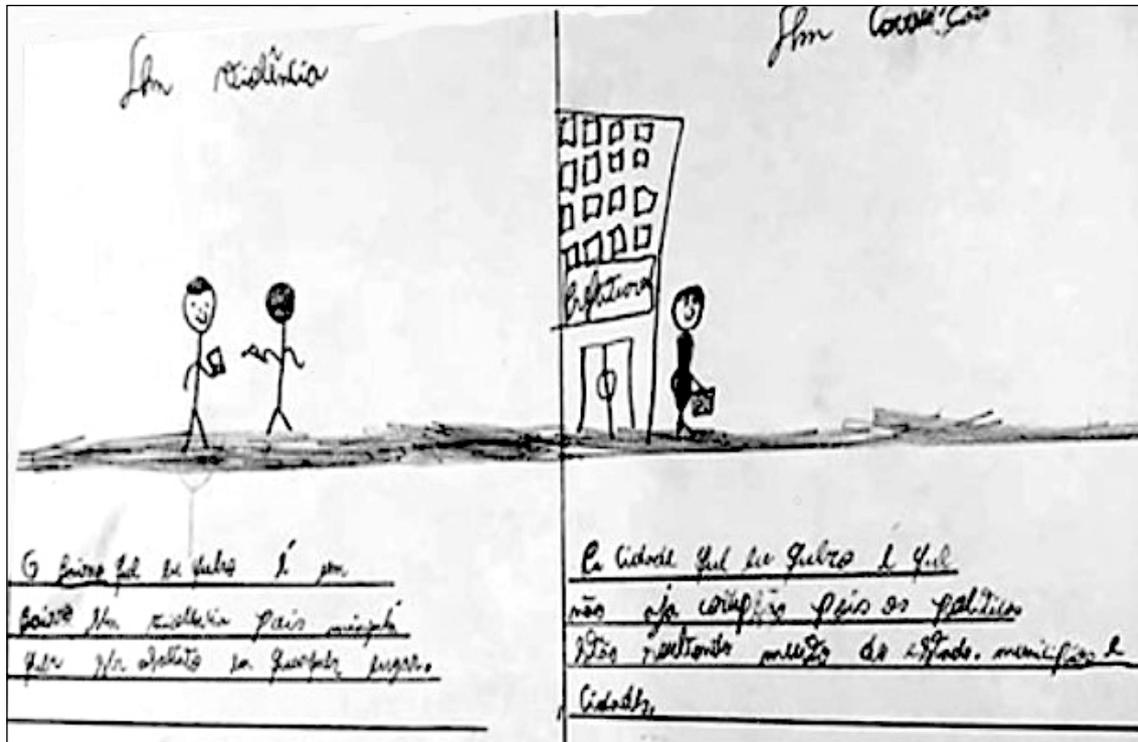
Fonte: Santos, 2018

**Figura 4.** Fragmentos dos desenhos W e Z

No fragmento do desenho W (esquerda da figura) e no fragmento do desenho Z (direita de figura), temos o mesmo destaque para um prédio de *Games XP* onde ocupa relativa centralidade, indicando a super valorizado a mundo dos jogos e a vontade de se aproximar cada vez mais desse universo e por outro lado elementos distintos como a praça, o campo de futebol e a igreja. Espaços distintos representados.

A utilidade dessa relação é ver se o observador possui um novo ponto de vista, ou seja, uma nova série de questões. Dessa forma porque ambos os desenhos identificam uma vontade coletiva como a presença no bairro de um prédio de *Games XP*, aparecendo também em outros desenhos. A aproximação como o mundo dos jogos é um desejo ampliado? Temos desejos coletivos e desejos individuais e os desenhos expressam esses desejos? Este tipo de análise de desenhos é uma forma válida de verificar uma relação entre diferentes objetos e não está limitada à arte, mas pode envolver também o contexto histórico entre outros.

O desenho R (Figura 5) expressa graficamente, tanto por meio do desenho como pelo texto escrito, duas situações muito importantes para a efetivação da cidadania na Baixada Fluminense, e em grande parte dos grandes centros urbanos brasileiros e latino-americanos, a violência e a corrupção.



Fonte: Santos. 2018.

Figura 5. Desenho R

O desenho R, destaca dois elementos, ressalta o desejo de um bairro, uma cidade, um estado, um país livre desses dois infortúnios que chega até as grafias de uma criança. A violência está presente no cotidiano da Baixada Fluminense, assim como a corrupção. Duas questões que devem ser trabalhadas intensamente para a construção da cidadania.

## CONSIDERANDO FINAIS

Os desenhos dos alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Marcílio Dias no bairro de Cava em Nova Iguaçu, permite a concepção de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza e como suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza tem consequências, não só para si como para a sociedade também.

O lugar nos desenhos dos alunos é entendido como as relações afetivas que as pessoas estabelecem com o espaço, relação que têm valor central nas investigações em geografia humanista, com a noção de topofilia desenvolvida por Tuan (1980), destacando o vínculo afetivo entre o indivíduo e o lugar. Esse vínculo expressado nos desenhos dos alunos do ensino fundamental podendo ter uma relação de proximidade presente no desejado ou mesmo de distanciamento em relação ao que não ser quer.

É importante que os objetivos do ensino de Geografia para o seguimento do ensino fundamental, deva ter como objetivo mostrar ao estudante que a cidadania é também o sentimento de pertencer a uma realidade na qual as relações entre a sociedade e a natureza formam um todo integrado, em movimento o qual todos fazem parte. A criança é um membro participante desse processo amplo e plural.

Dessa forma, se a infância é uma construção social, uma concepção sistematizada em diferentes sociedades, ela apresenta uma dimensão que é plural, pois não me é possível falar em uma única infância, mas na pluralidade de sociedades que cobrem a superfície terrestre; existe uma pluralidade de infâncias que se configuram. Localizar, mapear, descrever e interpretar essas infâncias são também pontos pertinentes aos estudos da Geografia. (LOPES, 2013, p.290).

Como diz Cavalcanti (2002, p. 37) “o ensino é um processo que compõe a formação humana em sentido amplo, apanhando todas as dimensões da educação: intelectual, afetiva, social, moral, estética, física”. Por isso, necessita estar voltado não só para a construção de conceitos, mas também para o desenvolvimento de capacidade e habilidades para se operarem esses conhecimentos e para a formação de atitudes, valores e convicções ante os saberes presentes no espaço.

A perspectiva do desenho das crianças como expressão cultural presente em trabalhos como de Santos (2000, 2002) e Dias (2013) não admite o empobrecimento do desenho infantil, mas entende que a criança reconhece a forma de representar graficamente sua cultura e deseja aprendê-la em ritmos próprios, de cada criança e cada grupo social.

O desenho é uma linguagem gráfica própria dos alunos e tem seus próprios códigos, se tornando um recurso didático relevante para auxiliar e repensar o currículo da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental de Nova Iguaçu/RJ atrelado ao referencial teórico da Geografia da Infância.

## REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, L. S. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- COSTA, B. M. F. **Crianças e suas Geografias**: processos de interação no meio técnico-científico-informacional. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2008.
- DIAS, J. M. T. Desenhos e vozes no ensino de geografia: a pluralidade das favelas pelos olhares das crianças. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 1029-1048, out./dez. 2013.
- GOODNOW, J. **El dibujo infantil**. 3. ed. Madrid: Ed. Morata, 1983.
- KINCHELOE, J. L. **A formação do professor como compromisso político**: mapeando o pós-moderno. Tradução Nize M. C. Pellada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LOIS, C.; HOLLMAN, V. **Geografía y cultura visual**: los usos de las imágenes en las reflexiones sobre el espacio. Rosário, Argentina: Prohistoria, 2013.
- LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. **Geografia da infância**: reflexões sobre uma área de pesquisas e estudos. Juiz de Fora, Brasil: FEME/UFJF, 2005.
- LOPES, J. J. M. Geografia da infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Revista Educação Pública**. Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 283-294, maio/ago. 2013.
- LOPES, J. J. M. Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da

- Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Revista Contexto & Educação**, V.23, n.79, jan./jun. 2008, pp.65-82.
- LOPES, J. J. M. Mapas narrativos e espaços de vivências: cartografando os lugares de infância In: LOPES, J. J. M.; ANDRADE, D. B. S. F. (Org.). **Infância e Crianças: lugares em diálogos**. Cuiabá: EDUFMT, 2012.
- LYNCH, K. **The Image of the City**. Cambridge: M. I. T. Press, 1960.
- MENDES, R. S. Paisagens culturais da Baixada Fluminense. **Boletim CX, Geografia**, USP: FFLC, n. 4, 1948.
- PIAGET, J., INHELDER, B. **A representação do espaço na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- SANTOS, C. **O desenho feito por alunos do ensino fundamental**. 2000. Dissertação (Mestrado). - IG/UNICAMP, 2000.
- SANTOS, C. O uso dos desenhos no ensino fundamental: imagens e conceitos. In PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. (Orgs.) **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, pp.195-208, 2002.
- SANTOS, C. O desenho do lugar: uma experiência da geografia da infância na Baixada Fluminense. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 6, n. 11, p.185-207. 2016.
- TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.
- TUAN, Y. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectiva da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo, Brasil: Difel, 1983.
- VASCONCELLOS, T. **Criança do lugar e lugar de criança: territorialidades infantis no noroeste fluminense**. 2005. Tese (Doutorado em Educação). UFF, 2005.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 71, p. 23-44, 2000.
- VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Estudos sobre a história do comportamento: símio, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.